

REPUTAÇÃO E RESSENTIMENTO NO AMBIENTE LITERÁRIO

Vinicius Schröder Senna (UERJ)

Orientador: João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

Resumo

René Girard sublinhou, com notável precisão, a natureza imitativa do desejo. Um princípio geral que regula as interações humanas, cuja base é a centralidade do outro para a visão que o sujeito tem de si próprio. Dentro dessa armação conceitual de influências mútuas, percebemos o valor da reputação para definir, sempre provisoriamente, quem será o modelo e quem será o admirador.

De acordo com o que foi dito, selecionei dois contos de autores da atualidade: *A última palavra* (2006), de Rubens Figueiredo, e *Beatriz e o escritor* (2011), de Cristovão Tezza. Em ambos, encontramos personagens ocupados com as suas próprias reputações, como escritores. Ao lado disso, e quase como um desdobramento, vemos o tema do ressentimento. Algo também observado por Girard, quando analisou personagens da literatura como o homem do subsolo de Dostoiévski, entre outros. Sabe-se, entretanto, que um dos nomes mais lembrados quando se fala em ressentimento é o do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. E será entre a percepção de Nietzsche e a de Girard que buscaremos o apoio conceitual para o trabalho comparativo.

Palavras-chave: Reputação. Ressentimento. René Girard. Nietzsche.

Os contos

Uma das principais expectativas dos departamentos de marketing, para o sucesso das suas campanhas, é que as pessoas se copiem umas às outras. Se uma propaganda consegue fazer o indivíduo acreditar que só ele não tem algo que todo mundo tem, espera-se um êxodo aos shoppings para que as pessoas corrijam, ansiosamente, essa

falha. A esse impulso que, dentre outras coisas, garante a existência da moda, René Girard chamou de desejo mimético. “Não raro as modas não têm sentido, são simplesmente imitadas sem que os que as imitam reflitam sobre seu significado. Isso não os impede de segui-la. O indivíduo torna-se veículo de um significado que lhe escapa”. (GIRARD, 2011 [2008], p. 86)

Existirá sempre o ímpeto, o desejo, mas em si esse impulso não tem direção definida. Ao encontrar, no entanto, alguém que lhe inspire admiração, inveja ou ambição, o indivíduo terá como orientar o seu desejo. Portanto, trata-se de um desejo segundo o desejo alheio. Se ele copiou o outro é porque quer ser como outro é ou quer ter o que o outro tem. Estamos diante da porta de entrada para a inveja, uma vez que nem todos terão o que desejam.

Desse modo, fica mais fácil entender a inquietação de Paulo Donetti, personagem do conto *Beatriz e o escritor*, de Cristóvão Tezza, ao reencontrar um antigo desafeto, Cássio, que, nas palavras do próprio Donetti:

Começou mais tarde a escrever, quando eu já era um nome sólido, e, como quem não quer nada, foi publicando, ocupando espaços, ganhando prêmios e amizades, assinando colunas, e hoje milagrosamente vende dez vezes mais do que eu, aparece em toda parte e é convidado para tudo, enquanto eu, que praticamente o levei pela mão até uma grande editora e escrevo cinquenta vezes melhor do que ele – mas vou mudar de assunto; lembrar me incomoda, a respiração fica mais curta, sinto uma compulsão de beber. (TEZZA, 2011, p. 22)

O mesmo sofrimento com o sucesso alheio também será observado Em *A última palavra*, conto de Rubens Figueiredo. O protagonista, Pedro, teve seu único livro de contos publicado há mais de dez anos. Desde a faculdade ele é constantemente assombrado pelo sucesso de uma amiga. Ambos tinham ambições como escritores de ficção. Helena fez o caminho da escritora indiferente ao sucesso que atrai atenção por sua rebeldia. Pedro, por outro lado, buscou o conforto financeiro numa rentável carreira no funcionalismo público bem remunerado como suporte para as suas ambições literárias.

Através de uma articulação dos dois contos com a teoria mimética de René Girard, pretendo analisar o que estimula e o que arrefece o ressentimento na busca dos personagens por uma reputação admirável.

Logo no começo do conto de Cristóvão Tezza, o escritor Paulo Donetti apresenta uma palestra num evento literário e faz uma observação bastante áspera sobre o próprio ofício que deixa à mostra alguns indícios das suas impressões quanto ao ser humano em geral.

Ninguém percebe que a matéria-prima da literatura é o desprezo. O que me irrita, ao olhar para mim mesmo, é essa dependência gosmenta das pessoas, não para sobreviver, o que até seria justo, mas para me alimentar delas, porque sem a estupidez em

torno eu restaria sem assunto e morreria por completamente inútil.
(TEZZA, 2011, p. 18)

Para o personagem escritor, a matéria do seu trabalho é a estupidez dos outros. René Girard percebeu a natureza imitativa do desejo como um princípio geral que regula as interações humanas cuja base é a centralidade do outro para a visão que o sujeito tem de si próprio. Dentro dessa armação conceitual, as influências mútuas definirão sempre, de modo provisório, quem será o modelo e quem será o admirador. O que chamamos de reputação é o resultado do balanço entre pontos positivos e negativos que conferem o status atual de alguém dentro dessa dinâmica.

Acompanhar a busca de personagens dedicados a construírem uma reputação positiva, teve como desdobramento a necessidade, bastante previsível, de uma análise atenta do ressentimento. Um dos nomes mais lembrados quando se fala em ressentimento é o do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Para Nietzsche existe uma moral específica do ressentimento, eis o processo que lhe dá início:

– A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é seu ato criador.
(NIETZSCHE, 2003 [1887], p. 28-29)

No encontro do protagonista de Tezza, com um desafeto e sua jovem namorada, é possível ouvir os ecos da previsão nietzschiana.

[...]eu senti que aquela fonte terrível de infelicidade – vê-lo tão feliz ao lado de uma mulher apaixonante – era também o seu antídoto, o meu elixir da juventude, *tirá-la dele*, o que me dava um projeto inteiro de vida[...] (TEZZA, 2011, p. 26)

Eis o projeto: dedicar uma vida inteira a dizer “Não” a felicidade alheia. No outro conto – o de Rubens Figueiredo – a indiferença de Helena a impede de consolidar a sua carreira, do mesmo modo que a segurança financeira e o status atrapalham os planos do protagonista. Pedro acompanha a vida de Helena, se ressentido dos mínimos sucessos e se alegra dos fracassos. Tanta atenção tem origem num passado em que Pedro mal conseguia se diferenciar da amiga.

Pedro dava-se às mil maravilhas com Helena, adorava o que considerava o seu modo livre de viver – sempre ciente de ser incapaz de imitar a amiga. Lia tudo o que Helena lia e escrevia, sempre com o olho afoito de quem procura uma coisa que lhe pertence mas não sabe onde pôs. Aprendia o máximo possível com ela. Recolhia de Helena argumentos, hipóteses, citações e juízos que, mais tarde, ia adaptar e pôr à prova, em conversas ou por escrito, em trabalhos da faculdade. E

o fazia com tamanha convicção, de um modo tão natural, que depois nem via motivo para pôr em dúvida que haviam partido apenas dele. (FIGUEIREDO, 2006, p. 115)

A pessoa admirada é o modelo daquilo que o sujeito resolve acreditar ser desde o início. Desse modo, o modelo começa a se tornar um problema porque está constantemente ameaçando a consciência que o sujeito tem de si próprio. Nas palavras de René Girard:

Apenas o ser que nos impede de satisfazer um desejo que ele próprio nos despertou é verdadeiramente objeto de ódio. Quem odeia, odeia primeiramente a si mesmo em razão da admiração secreta que seu ódio encobre. A fim de esconder dos outros, e de esconder de si mesmo, essa admiração desvairada, ele não quer enxergar mais em seu mediador senão um obstáculo. O papel secundário desse mediador passa desse modo ao primeiro plano e dissimula o papel primordial de modelo religiosamente imitado. (GIRARD, 2009 [1961], p. 34-35)

Em pouco tempo Pedro estará imerso nos sentimentos sublinhados por Girard:

A sagacidade de Pedro, filtrada por uma inveja certa, quis decifrar, já no primeiro minuto do sucesso da amiga, sinais da derrocada futura. Sentiu prazer ao imaginar esse declínio, ao antever seus passos um a um, e chegou a ficar tonto nesses devaneios, mal vindo a hora de a ruína ter logo início. (FIGUEIREDO, 2006, p. 121)

Inveja e ressentimento

Na *Suma Teológica*, Tomás de Aquino faz referência a uma afirmação de Damasceno¹ sobre a inveja: “A inveja é uma tristeza dos bens dos outros”(AQUINO, 2012 [1265-1273], p. 491).

Um pouco mais a diante, o pensador continua a análise do objeto da inveja: “Deve-se dizer que a inveja se refere à glória do outro enquanto esta diminui a glória que se deseja. Em consequência, alguém inveja somente os que quer igualar ou ultrapassar em glória” (Ibid., p. 492). Isto é, toda inveja é uma homenagem compulsória e dolorida. Um reconhecimento de duas coisas: de um sucesso e de um fracasso. Tão mais dolorido pela suspeita de que se não houvesse o exemplo de sucesso, talvez a percepção do fracasso tampouco existisse; quando na verdade sempre haverá alguém a fazer o sucesso impossível para o outro. Daí a afirmação de Nietzsche de que o

¹ João Damasceno (± 675-749) – Nascido em Damasco, daí o sobrenome, João fez-se monge de S. Sabas, perto de Jerusalém. É antes de tudo, um teólogo. Seu nome está ligado à reação contra os iconoclastas. Ocupou-se, também, de exegese, de ascese, de moral.

ressentido gostaria de proibir que outros superassem as suas limitações. Por isso sonha em forçar o mundo a um *Não*.

Esse “Não” será dirigido ao mediador que agora se tornou um obstáculo por mostrar ao sujeito algo que ele não poderá alcançar. Nesse ponto haverá uma tendência a identificar o modelo como alguém cruel. René Girard adverte para o engano possível: “O modelo que estimula a rivalidade mimética não é pior do que nós, talvez seja até muito melhor, mas ele deseja do mesmo modo que desejamos: egoística, avidamente. E imitamos o egoísmo dele, que é um mau modelo para nós, e vice-versa, no processo que logo culminaria na escalada da rivalidade”. (GIRARD, ROCHA e ANTONELLO, 2011 [2010], p. 88).

Ao eleger o outro como o verdadeiro egoísta, eu transfiro tudo que está me incomodando para ele, e esqueço que o invejo e me ressinto por isso. Assim dou um passo significativo para enobrecer meu ressentimento. Com a certeza da crueldade do outro, minhas limitações se apagam por algum tempo e deixam de me incomodar. Não preciso mais remoer as dificuldades que encontro por não conseguir ser como os meus modelos.

Isso garante algum alívio e pode ter outras vantagens, ainda que suspeitas. Quando encontro alguém que aceita minha cumplicidade contra um terceiro, está começando ali uma aliança baseada na identificação comum de quem é pior que nós. Logo, ao me identificar com esse cúmplice faço a ele um elogio velado de que o vejo como alguém melhor que aquele terceiro, e ao darmos continuidade a nossa sentença, reforça-se este laço. Fico aliviado e satisfeito porque alguém, ao aceitar a identificação e exploração do erro desse outro, me diz indiretamente que eu também sou melhor. Acontece, afinal, o que se quis desde o começo: a benção de uma boa reputação. No entanto, tudo aqui começou e se desenvolveu com base numa negação.

Assim voltamos ao filósofo alemão. Nietzsche é o conhecido defensor de um tipo de homem que ganhou forma a partir de seus desejos mais perigosos. E por pensar assim, foi acusado de ser louco por gente como Tolstói:

Li Zaratustra, de Nietzsche, e as notas de sua irmã acerca de como ele o escreveu, e fiquei convencido de vez que ele estava absolutamente louco enquanto escrevia, e louco não em um sentido metafórico, mas no sentido estrito, o mais exato: incoerência, saltos de uma ideia para outra, comparação sem indicar o que se compara, começo de pensamentos sem final, saltos de uma ideia para outra por contraste ou por consonância, e tudo com base na loucura – a (idé fixa) *idée fixe* de demonstrar sua genialidade sobre-humana ao negar todas as bases supremas da vida e do pensamento humanos. Mas que sociedade é essa em que um louco como esse, e um louco nocivo, é reconhecido como mestre? (TOLSTÓI, 2015 [ca.1882], p. 393)

O romancista russo expressou sua reprovação em tom bastante diferente da divergência apresentada por René Girard, que reconhecia em Nietzsche o pensador que primeiro sinalizou a importância da inocência de Cristo. Contudo, ao contrário de Girard, para quem o sacrifício de Cristo mostra a fragilidade do pensamento de rebanho

– capaz de sacrificar um inocente –, para o filósofo alemão tal inocência seria a prova de que o cristianismo é uma religião de pessoas fracas; uma religião de pessoas que não reagem, mesmo quando acusadas injustamente.

O homem que não reage não teve, segundo Nietzsche, espírito, libido e entendimento para recusar o posto de advogado do tédio. Ele é um ressentido. Seu último consolo: a bênção da reputação. Por consequência, é cada vez mais irritável. Está envenenado para sempre. Sua vontade de se vingar do que está além do seu alcance e entendimento envenenou tudo ao seu redor. Sua tarefa para o tempo que resta: se apegar ao orgulho de esconder o que não tem. (NIETZSCHE, 2002 [1882], p. 260-261).

O personagem de Rubens Figueiredo reage, mas não da forma vigorosa que Nietzsche propõe: “Quando se sentava para escrever diante da tela acesa do computador, até uma hora da madrugada, Pedro queria fazer valer o seu direito – ser raro, ser único, ser o último”. (FIGUEIREDO, 2006, p. 128). Pedro reage movido pela sensação de ter um direito. Tal consciência, sem a disposição para os atos necessários, torturado pelo sucesso alheio, revela a base do ressentimento delineado por Nietzsche.

Fazendo uma breve menção ao tema do ressentimento, no mundo acadêmico, cito um trecho do ensaio *Instintos Acadêmicos* (2003) de Marjorie Garber:

Os conflitos entre as disciplinas acadêmicas são muitas vezes comparados às rixas em torno da posição da cerca num gramado e às disputas de fronteiras, algo capaz de sugerir a colocação de placas de “não pise na grama” e gritos de “não aqui no meu quintal”. Mas não vamos esquecer outro conhecido provérbio do mundo dos gramados: “A grama do vizinho é sempre mais verde”. (GARBER, 2003 [2001], p. 57)

Garber chama a atenção para algo que marca uma das diferenças entre teoria mimética e o pensamento de Nietzsche; se não de natureza, certamente de ênfase. Na teoria mimética, toda tentativa de valorização do que é próprio, tenta ocultar o interesse pelo que é alheio. A aversão de Nietzsche à religião e à moral, como a uma espécie de tédio, tornou-se um cartão de visita para o sua filosofia, e deu ênfase à coragem do indivíduo. O filósofo exalta o homem que é capaz de criar seus próprios valores, ainda que com isso corra maiores riscos. O filósofo fala também de um homem que fruiu melhor a alegria porque não precisou se vingar de ninguém por insatisfação com o que ele próprio é; porque não precisou torcer pelo fracasso de quem se destacou mais do que ele. Na teoria mimética, por outro lado, reforça-se a lembrança de que mesmo esse suposto homem teria a tendência a acreditar que a grama do vizinho é sempre mais verde.

Reputação para Girard

A exaltação de Nietzsche à força do indivíduo cria certo contraste com a modéstia necessária para se aceitar alguns pressupostos da teoria mimética. Para René

Girard a constituição humana é de tal forma dependente de mediadores que ao se fazer uma busca por aquilo que há de mais íntimo estaríamos fadados a sempre encontrar nossos modelos. “A teoria mimética contradiz a tese da autonomia. Ela tende a relativizar até mesmo a possibilidade de introspecção: mergulhar em si mesmo é sempre encontrar o outro, o mediador, aquele que orienta meus desejos sem que eu esteja consciente”. (GIRARD, 2011 [2007], p. 49)

Com a constituição do ser submetida às relações miméticas, a busca por uma boa reputação derrapa na tentativa de excluir o duplo mimético de que me envergonho. Isto é, em minha constituição não haverá apenas as marcas dos modelos que hoje eu aprovo. Desse modo, precisarei ressaltar as características da imitação que resultou desejável. E, talvez ainda mais importante: demonstrável. Superando ou ocultando as outras.

Ressentimento para Girard

Para Girard o ser humano se ressentir por não ter uma unidade. Porque sua natureza esta dividida desde sempre, porque precisa lidar com a necessidade de aceitação do seu duplo como parte constituinte da própria personalidade. Um golpe para o orgulho, que para ser satisfeito sempre depende do que ostenta particularidade.

O orgulhoso acredita ser um em seu pensamento solitário, mas, quando fracassa, se divide em um ser desprezado e um observador que despreza. Torna-se Outro para si mesmo. O fracasso constrange-o a tomar, contra si mesmo, o partido desse Outro que lhe revela seu próprio nada. (GIRARD, 2011 [1963], p. 54)

A força de um fracasso se converte em acusação interna imposta por uma voz que lembrará o indivíduo de sua constituição impura. Sendo assim, trocar uma crença pela outra, isto é, passar a ver na própria constituição um defeito ontológico, equivale a dar um passo em direção à vergonha, à inveja e ao ressentimento.

É necessário, no entanto, sublinhar que na perspectiva da teoria mimética “toda inveja é mimética, mas nem todo desejo mimético é invejoso.” (GIRARD, 2010 [1990], p. 44). As possibilidades de relação com o modelo são muitas. Com a devida modéstia, diante da consciência de uma constituição formada por duplos, percebe-se que os objetivos se tornam mais convincentes com a mediação – algo de grande valia diante das dúvidas. Contudo, faz-se necessário que o objetivo não seja substituído por uma dedicação excessiva à pessoa do mediador. Por mais paradoxal que possa parecer, é esse esquecimento do próprio interesse que está na raiz da rivalidade.

Considerações finais: O desaparecimento do objeto

O protagonista do conto de Rubens Figueiredo irá se distanciar, pouco a pouco, da literatura, e passará a se dedicar à vida de sua antiga colega de faculdade; tornada agora uma rival. O mesmo irá acontecer no conto de Cristovão Tezza. A literatura será empurrada para o segundo plano. No primeiro plano, estará a relação de inveja e ciúmes entre dois homens que no passado foram amigos. Desse modo fica evidente o necessário retorno ao objeto para que a rivalidade seja desfeita.

Nos dois contos, o ressentimento impulsiona a busca por uma boa reputação. Os personagens são movidos pelo ressentimento em função do maior sucesso de alguns de seus pares. Ambos os textos sublinham a dificuldade dos personagens para conviver com pessoas cujo desempenho é melhor que o deles.

No entanto, a teoria mimética afasta, em certo sentido, o tom determinista de uma possível leitura sobre o ressentimento humano. A rivalidade, alimentada pela inveja, ocorre, segundo a teoria mimética, quando os envolvidos perdem de vista o objeto. Em outras palavras, sujeito e modelo passam a rivalizar com tamanha intensidade que os interesses iniciais são esquecidos.

Como nossos mediadores nos impedem de possuir o objeto que selecionam para nós, valorizamos cada vez mais os objetos selecionados, mas isso é verdadeiro numa fase inicial; quando a rivalidade se intensifica mais, o objeto vai diminuindo de importância e o mediador vai aumentando. (GIRARD, 2010 [1990], p. 110-111)

No contexto dos dois contos, o objeto que perderá a sua importância é a própria literatura. Os acontecimentos da vida do escritor rival, suas vitórias e fracassos, tornam-se mais importantes que a literatura. Uma vez que estivessem de fato dedicados ao trabalho de romancista, isto é, escrever romances, o sucesso alheio serviria como uma das possíveis referências na composição de um conjunto de modelos. E a admiração inicial não precisaria evoluir para ressentimento ou inveja. Para Nietzsche isso só seria possível para o indivíduo que vingou. Para René Girard, lucidez e modéstia poderiam ajudar bastante.

Referências

- AQUINO, T. D. **Suma Teológica**. Tradução de Vários. São Paulo: Edições Loyola, v. V, 2012 [1265-1273].
- FIGUEIREDO, R. **Contos de Pedro**. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.
- GARBER, M. **Instintos Acadêmicos**. Tradução de Rubens Figueiredo. Rio e Janeiro: EdUERJ, 2003 [2001].
- GIRARD, R. **Mentira Romântica e Verdade Romanesca**. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009 [1961].
- . **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1978].
- . **Shakespeare: Teatro da Inveja**. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010 [1990].
- . **Dostoiévski: do duplo à unidade**. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É Realizações, 2011 [1963].
- . **Rematar Clausewitz: além Da Guerra - diálogos com Benoît Chantre**. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011 [2007].
- . **A Conversão da Arte**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2011 [2008].
- . **Anorexia e desejo mimético**. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2011 [2008].
- .; ROCHA, J. C. D. C.; ANTONELLO, P. **Evolução e Conversão**. Tradução de Bluma Waddington Vilar e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É realizações, 2011 [2010].
- NIETZSCHE. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1882].
- . **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1886].
- . **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1887].

— . **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1888].

SAFRANSKI, R. **Romantismo**: uma questão alemã. Tradução de Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010 [2007].

TEZZA, C. **Beatriz**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TOLSTÓI, L. **Os últimos dias**. Tradução de Anastassia Bytsenko; Belkiss J. Rabello, *et al.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [ca.1882].